

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL
CURSO DE JORNALISMO - CAMPUS DE TUBARÃO

Acadêmico(a): **LEONARDO COSTA ROSA**

Título do artigo: **EVOLUÇÃO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TV: ESTUDO DE CASO DOS LOCUTORES GALVÃO BUENO E LUCIANO DO VALLE NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS.**

Nota 1 – Orientador(a): Prof(a). Darlete Cardoso

Nota 2 – Convidado(a) 1: Prof(a). Mauro Roberto Fucilini

Nota 3 – Convidado(a) 2: Pro(a). Alexandre Lenzi

Critérios de Avaliação	Nota 1	Nota 2	Nota 3
Exposição escrita (zero a 10,0)	10,0	10,0	10,0
Nível de aprofundamento da investigação	10,0	10,0	10,0
Adequação da metodologia científica utilizada ao tema e da monografia às normas da ABNT	10,0	10,0	10,0
Qualidade das reflexões exibidas na Análise	10,0	10,0	10,0
Qualidade das reflexões exibidas na Conclusão	10,0	10,0	10,0
a) Apresentação da Monografia (zero a 5,0)	10,0	10,0	10,0
b) Participação (zero a 5,0)	10,0	10,0	10,0
Média Parcial	10,0	10,0	10,0

Média Final 10,0

Tubarão, 11 / 12 / 2019

Aprovado(a) () Reprovado(a)

Recomendações:

Publicação no RIUNI: () aberto para consulta

() fechado para consulta

EVOLUÇÃO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TV: ESTUDO DE CASO DOS LOCUTORES GALVÃO BUENO E LUCIANO DO VALLE NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS¹

Leonardo Costa Rosa²

Resumo: A partir de um estudo sobre futebol e jornalismo esportivo, este artigo busca analisar as mudanças que ocorreram na narração esportiva na televisão brasileira ao longo dos últimos anos. A técnica de pesquisa é um estudo de caso dos narradores esportivos Galvão Bueno e Luciano do Valle, comparando o estilo de cada um deles, as mudanças que eles apresentaram com o passar dos anos, a partir de narrações de jogos que ambos transmitiram nas décadas de 1990, 2000 e 2010, baseando-se nas obras de Schinner (2004), Coelho (2003), entre outros autores. Para esse trabalho, será utilizada a metodologia qualitativa comparativa descritiva. Nesse estudo foi possível constatar que houve mudanças no modo de narrar futebol na televisão brasileira, em termos de linguagem e emoção.

Palavras-chave: Narração esportiva. Televisão. Jornalismo esportivo.

1 Introdução

A comunicação passou, e ainda passa, por grandes modificações em seu estilo. Desde a apresentação de um telejornal, até as reportagens feitas na rua, no telejornalismo ocorrem muitas mudanças na maneira de se relacionar com seu público, a audiência. O fortalecimento das mídias sociais ao longo dos anos é um dos fatores que motiva essa mudança de estilo. Na comunicação esportiva não foi diferente. Houve uma visível modificação no jeito de fazer telejornalismo esportivo.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006, p.98), “a evolução tecnológica contribuiu também no campo editorial, porque com tantos detalhes registrados [...] o leque de pautas ficou mais amplo”. Esses novos aparatos tecnológicos, acompanhados do fortalecimento das redes sociais, evidenciaram também mudanças no estilo de linguagem do jornalismo esportivo, sobretudo na televisão. Silva (2010, p. 3) afirma que “ao assistir o noticiário esportivo é possível constatar uma mudança tanto na edição, conteúdo, apresentação, narrativa e linguagem, no passar dos anos”.

A partir do exposto, este trabalho realiza um estudo de caso dos dois principais locutores esportivos do país: Galvão Bueno e Luciano do Valle. A ideia é observar as mesmas

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora mestre Darlete Cardoso.

² Autor do Artigo. E-mail: leocosta.zimba@gmail.com

partidas de futebol das décadas de 1990, 2000 e 2010 que ambos transmitiram. O objetivo é analisar as mudanças na narração esportiva na televisão brasileira com base nas narrações de Galvão e Luciano nas últimas três décadas. Para tanto, traçamos como problema de pesquisa: Quais as principais mudanças na narração esportiva de televisão nas últimas décadas, em especial o futebol? Qual dos narradores teve seu estilo mais modificado com o passar dos anos? Houve evolução da comunicação esportiva, comparando os locutores Galvão Bueno e Luciano do Valle, e como isso aconteceu? O que essas mudanças podem significar para o futuro?

A pesquisa justifica-se por considerarmos que, desde os anos 90, os programas começaram a lidar com assuntos de uma maneira mais bem humorada. Segundo Tavares (2013), o chamado ‘jornalismo engraçadinho’ começou a aparecer com mais força na imprensa esportiva brasileira quando o jornalista Tiago Leifert, da TV Globo, passou a apresentar a edição paulista do *Globo Esporte* sem o uso de teleprompter³. Após essa fórmula apresentar bons resultados, muita gente começou a adotar este estilo.

No meio disso, a narração esportiva também teve mudanças significativas. Ela já havia passado por uma grande transformação quando migrou do rádio para a televisão, especialmente na Copa do Mundo de 1970, que foi a primeira grande competição esportiva transmitida ao vivo na televisão brasileira. Sobre o papel do locutor nas transmissões, Schinner (2004, p.75) explica que “o narrador esportivo é o profissional de comunicação capacitado a descrever, contar, relatar, transmitir um evento ou conduzir uma transmissão, interagindo com seus ouvintes, espectadores ou assinantes”.

As narrações pela televisão buscam, antes de tudo, a valorização da imagem. Schinner (2004, p.77) diz que todo narrador precisa aprender a narrar muito bem futebol, com um domínio amplo sobre a modalidade, e estar preparado para narrar outros esportes. “O narrador moderno deve ser versátil e estar extremamente bem preparado para desempenhar várias funções, de acordo com as exigências de mercado”.

A linguagem utilizada nas transmissões esportivas também passou por mudanças ao longo do tempo. E cada profissional absorve de maneira diferente essas transformações, e as enquadra dentro do seu próprio estilo. Santos (2010, p.34) diz que “a mesma narração pode apresentar alterações na sua forma arquitetônica, na sua forma composicional, no estilo de narrar [...] e até mesmo no conteúdo temático”. Além disso, há uma grande quantidade de

³ Equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador.

informações que aparecem em uma transmissão, coisa que não acontecia há alguns anos, e que também influencia na dinâmica de narração.

A partir dessas constatações, o objetivo geral da pesquisa é identificar as principais mudanças na narração esportiva de televisão nas últimas décadas, em especial o futebol. Os objetivos específicos são: averiguar qual dos narradores teve seu estilo mais modificado com o passar dos anos; verificar se houve evolução da comunicação esportiva, comparando-se os locutores Galvão Bueno e Luciano do Valle; e ainda avaliar o que essas mudanças podem significar para o futuro do jornalismo esportivo, em especial a narração.

Para cumprir aos objetivos propostos, é realizado um estudo de caso, utilizando a metodologia qualitativa comparativa descritiva para analisar o estilo de cada narrador com base nas partidas escolhidas. Os jogos analisados serão: Milan 2x3 São Paulo, pela Copa Intercontinental de 1993; Corinthians 4x3 Palmeiras, pela Taça Libertadores da América de 2000; e Brasil 3x0 Espanha, pela Copa das Confederações de 2013.

As partidas foram escolhidas após pesquisa, sendo que essas eram as únicas disponíveis na internet que contavam com o registro na íntegra, em duas emissoras diferentes, e com a narração dos dois profissionais. Na análise, são observados os seguintes trechos das transmissões: os primeiros minutos da partida, os lances de gols e os minutos finais. Para que se possa promover a análise, a seguir trazemos seções que tratam de futebol e jornalismo, passando pelo esporte na TV e o futebol.

2 Jornalismo esportivo

No começo, o jornalismo esportivo sofria grande preconceito, inclusive do escritor Graciliano Ramos, que afirmava no início do século XX que o futebol ‘não pegaria’ no Brasil, porque nada que vem de outro país daria certo em território brasileiro. “Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega” (RAMOS, 1962, *apud* NEVES, 2018, p. 2).

De fato, no começo, os jornais até utilizavam termos em inglês para se referir a alguns elementos do futebol. Coelho (2003, p. 12) cita uma reportagem do jornal fluminense *A Rua*, onde diz que “No ‘stadium’, como estava anunciado, realizou-se ontem, o ‘training’ de apuro dos ‘scratchmen’ brasileiros”. O autor completa dizendo que o mesmo jornal relatava que “os chilenos deram esta manhã, na rua Campos Salles, o seu ‘training’ de apuro para o jogo de domingo”.

Na aquela época, os textos traziam uma dose de romantismo, e enalteciam outras questões – como o comportamento que os torcedores passaram a ter em dia de jogos da Seleção Brasileira. Os textos pareciam mais uma crônica do que propriamente uma reportagem sobre uma partida que acabara de ser disputada. Coelho (2003, p. 7) também afirma que “pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal”.

O esporte era considerado um assunto menor. Uma vitória nas raias, ou nos campos, nos ginásios, nas quadras, não era mais importante que uma decisão sobre a vida política do país. Sobre isso, Bezerra (2008, p. 34) diz que “as primeiras notícias foram divulgadas no Jornal do Comércio de São Paulo, na edição de 17 de outubro de 1901, quando a mídia impressa [...] começou a divulgar as informações do futebol”. Coelho (2003) relata que em 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*⁴. Além disso, as notícias não tinham a intenção de atingir todas as classes sociais.

Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras, décadas mais tarde. (COELHO, 2003, p. 08).

A história da imprensa esportiva no Brasil se confunde um pouco com a própria história do esporte brasileiro, já que também sofria certo tipo de discriminação. Muitos jornais da época dedicavam apenas uma pequena coluna em uma página para exibir resultados de competições esportivas que aconteciam. O primeiro jornal especializado em esportes a surgir no Brasil, foi o *Jornal dos Sports*, em 1931, editado pelo jornalista Mário Filho. “Com a instauração do profissionalismo do futebol, em 1933, o assunto ganha espaço e Mário Filho pode publicar o primeiro diário dedicado exclusivamente ao mundo esportivo no país” (SILVEIRA, 2009, p. 22).

Aos poucos, o jornalismo esportivo ganhava espaço e notoriedade na mídia, a ponto de se tornar ‘carro-chefe’ de alguns veículos de comunicação. O rádio passou a dar espaço para o esporte na mesma época. Pouco tempo depois, foi através dele que os torcedores brasileiros puderam acompanhar ao vivo os primeiros títulos mundiais de futebol da Seleção Brasileira, em 1958 e 1962. Inclusive na Copa do Mundo de 1962, a televisão começou a exibir os jogos da Seleção Brasileira, um dia depois em formato de *videoteipe*.

⁴ Veículo de comunicação da Comunidade Italiana no Brasil, existente desde 1893.

Camargo e Gonçalves (2005, p. 8) afirmam que com isso, os jornais começaram a ter uma grande concorrência com a televisão.

Com o sucesso, as emissoras passaram a dar uma atenção especial a este produto. Coelho (2003) diz que no final da década de 1970, algumas emissoras de rádio davam um “show” todo domingo. Em São Paulo, por exemplo, existiam estações mais tradicionais, como Globo, Jovem Pan, Tupi, Record e Bandeirantes. Havia também aquelas de menor alcance, como Difusora e Capital. A Excelsior, afiliada da Globo, transmitia todos os domingos o segundo jogo mais importante.

Isso acabou chamando a atenção também do mercado publicitário, pois a maior parte dos anunciantes não era de grandes empresas. “Eram fabricantes de pilhas, bebidas alcoólicas, cigarros. Gente interessada em atingir a camada mais baixa da população”, (COELHO, 2003, p. 28). Com isso o esporte começou a ganhar força e passou a ter espaço naquele que viria a ser o principal veículo de comunicação do país: a televisão.

2.1 Jornalismo esportivo na TV

Desde quando a televisão chegou ao Brasil, o jornalismo esportivo teve seu espaço cativo. Silva (2010), afirma que o primeiro programa de esportes diário na televisão brasileira foi o *Vídeo Esportivo*, apresentado por Aurélio Campos. De acordo com Camargo e Gonçalves (2005, p. 7), a primeira reportagem em vídeo para a televisão aconteceu em 1950, na partida entre Portuguesa de Desportos e São Paulo. Esse é considerado o marco das transmissões esportivas na TV brasileira. Segundo Silva (2010, p.4), “a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira aconteceu em 15 de outubro de 1950⁵. Na ocasião, foi transmitida a partida entre Palmeiras e São Paulo”. Segundo o autor, apenas duzentas pessoas puderam assistir ao jogo pela TV.

Com o passar do tempo, a televisão, juntamente com o jornalismo televisivo esportivo, ganharia as casas dos brasileiros. Mas o grande marco da editoria de esportes na televisão do Brasil foi a Copa do Mundo de 1970, realizada no México, pois foi a primeira a ser transmitida ao vivo para grande parte do país.

Foi quando, o telespectador brasileiro pôde acompanhar detalhadamente os jogos da Seleção Brasileira, na conquista do tri-campeonato mundial. A partir daí o jornalismo esportivo passou a ser parceiro inseparável da TV no Brasil. Nessa década, foram criados quadros e programas esportivos que sobrevivem até hoje,

⁵ A inauguração da TV no Brasil ocorreu no dia 18 de setembro de 1950, com o surgimento da TV Tupi criada por Assis Chateaubriand.

como o 'Gols do Fantástico', o 'Esporte Espetacular' e o 'Globo Esporte', todos da Rede Globo de Televisão. (SILVA, 2010, p.2).

A partir deste momento, a emissora carioca se consolida como a principal força do jornalismo esportivo na televisão brasileira. Baseado nisso, Coelho (2003) afirma que 'televisão' pode ser lida como 'Globo'. Falando especificamente do futebol, o autor diz que a emissora transmite os jogos como um show, e que quase nada dá errado. "Quase não se nota que o estádio, cenário do evento, anda às moscas. Não se fala do gramado, do nível técnico, de nada. Tudo é absolutamente lindo" (COELHO, 2003, p. 64). Mas o autor também diz que muitas vezes se dá exatamente o oposto nas emissoras concorrentes, que dizem que tudo é péssimo. O que, segundo ele, também não é verdade.

Falando novamente do crescimento do jornalismo esportivo na televisão, na década de 1960, surgiu um estilo de programa que se consolidou ao longo dos anos na imprensa esportiva, e que se tornou uma grande referência até os dias de hoje: a mesa-redonda. De acordo com Schinner (2004, p.64), "na televisão, a chamada 'mesa-redonda' teria sido criada pelo ex-narrador carioca Luiz Mendes, nos anos 1960, ao estilo da Távola Redonda do Rei Arthur". Porém somente algumas décadas depois é que iria surgir uma nova escola de comunicação esportiva.

Até então, todos os profissionais saíam do rádio, veículo com maior penetração e que exigia maior talento e carisma dos locutores. Mas a televisão já acenava com novas possibilidades de trabalho, além de garantir maior prestígio e melhores salários. No início, conhecia-se pouco do potencial do novo veículo. Alguns tentavam arriscar uma nova linguagem, que nem sempre combinava com o meio. Determinados vícios trazidos do rádio ou do teatro eram banidos da TV, outros acabavam incorporados ao formato inédito de comunicação com predomínio da imagem. (SCHINNER, 2004, p.53).

Depois de alguns anos, a linguagem utilizada na televisão passou por um processo de mudança, tanto na forma como no conteúdo. E essa linguagem continuou se modificando na televisão com o passar dos anos, seja em um comentário, em uma narração, em uma reportagem ou na apresentação de algum programa. E essas mudanças podem ser justificadas pelo surgimento dos canais dedicados exclusivamente a esportes, principalmente na TV fechada. Schinner (2004) enumera cinco fenômenos que justificam essas modificações na maneira de falar de esportes na televisão. O primeiro foi o surgimento de novos profissionais de microfone mais qualificados, já que as emissoras não queriam apenas 'especialistas em futebol'.

Outro fator foi a qualificação das empresas que faziam a geração de imagens dos eventos esportivos para as emissoras. Os equipamentos de alta qualidade também ajudaram este processo. A tecnologia acabou tendo grande influência na edição e na forma em que a

informação chegava até o telespectador. Sobre isso, Barbeiro e Rangel (2006, p. 99) dizem que “o jornalismo sempre esteve ligado à tecnologia. Os aparelhos de rádio, televisão, fotografia e os equipamentos para produzir materiais para esses suportes estão diretamente ligados a ela”. Não só aparatos tecnológicos passam por mudanças, mas também os próprios meios de comunicação. Jenkins (2009, p. 41) afirma que “os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias”.

O terceiro fenômeno foi a formação de um novo estilo de telespectador, batizado de assinantes. Para Schinner (2004), ele possui prerrogativas consideradas diferentes dos telespectadores comuns, já que o pagamento das taxas das operadoras o transforma em um consumidor de serviços. Em quarto lugar, vem justamente a nova proposta de linguagem. Quando os canais 100% esportivos começaram a ser planejados, ainda não se pensava qual seria a linguagem adequada em um meio, até então inexplorado. Até mesmo, em relação às narrações dos eventos. “Só se sabia que as transmissões deveriam ser diferenciadas, sem as afetações das narrações dos canais abertos” (SCHINNER, 2004, p. 33).

O quinto elemento foi o surgimento da internet, que também revolucionou a comunicação no mundo. Ela criou novas possibilidades de diálogo e proporcionou a interatividade na televisão. Segundo Lemos (2002, p. 215), interatividade é a “capacidade ou habilidade de um equipamento ou programa de transferir e receber dados de seu operador, permitindo assim que, o comportamento do usuário seja modificado”. Sobre isso, Schinner (2004, p. 34) explica que “aos comunicadores possibilitou a chance de ‘trocar figurinhas’ com os espectadores, além de ter à disposição um poderoso instrumento de pesquisa”. E todo este trabalho é ligado, em sua maioria, ao futebol, que é o esporte com maior espaço na mídia esportiva brasileira.

2.2 Futebol

O futebol se tornou uma paixão mundial desde o momento em que se consolidou na sociedade. Segundo Giulianotti (2010, p. 42), “o futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro”. A difusão do futebol pelo mundo aconteceu no fim do século XIX e no começo do século XX. Nesse período, a grande parte dos países da América Latina e da Europa negociava suas fronteiras, e construía sua identidade cultural.

A modernização do futebol veio quando a Grã-Bretanha expandiu o jogo internacionalmente, preservando uma liderança em termos políticos e administrativos, e da consolidação da *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)*⁶, de acordo com Giulianoti (2010). Com o passar dos anos, ele foi se profissionalizando e ganhando cada vez mais a atenção das pessoas.

No Brasil, apesar do surgimento no século XIX, a profissionalização do futebol veio apenas no começo da década de 1920. “Por essa época, o futebol também começou a ser visto como uma forma de controle social relevante, a exemplo do que ocorrera na Inglaterra no século XIX, quando de sua criação” (GUTERMAN, 2009, p. 59). Com a profissionalização, a popularidade e a importância do futebol no território brasileiro foram aumentando. Em nosso país, pode-se dizer que futebol está inserido na identidade da sociedade. Ele faz parte da vida da ampla maioria dos brasileiros, como se fosse um ‘DNA’ deste povo. Bezerra (2008, p. 18) afirma que “desde pequenos recebemos um nome, uma religião e quase sempre um time para torcer. Crescemos nos familiarizando com este esporte tão popular, mas tudo isso tem uma origem”.

O esporte não é apenas uma prática física, mas também um elemento cultural que acaba se constituindo em um fenômeno social. Segundo Bezerra (2008, p. 22), “algumas definições destacam sua importância, ressaltando o fato de que o futebol é um ‘idioma universal’ que pode ser compreendido e assimilado direta e instantaneamente pela maioria das pessoas”. E essa maneira de falar sobre o futebol é vista em diferentes culturas. Até mesmo como instrumento político ele foi utilizado.

A primeira Copa do Mundo foi realizada em 1930, mesmo ano em que Getúlio Vargas chegava ao poder. Embora obviamente não tenham relação entre si, foram dois eventos reveladores do novo momento pelo qual passavam o futebol, em geral, e o Brasil, em particular. (GUTERMAN, 2009, p. 63).

E através do cotidiano brasileiro, é possível notar a dimensão do quanto esse esporte faz parte do nosso dia-dia. Segundo Daolio (2005, p. 23), “o futebol mostra-se, assim, veículo para uma série de dramatizações no campo individual e no mundo social”. Após a fundação dos clubes e o surgimento das equipes de futebol e dos representantes destas agremiações, aparecem as torcidas e as suas idiossincrasias. “O torcer sofre influência das mais diversas ordens, desde o contexto histórico-social até as questões pessoais mais íntimas” (DAOLIO, 2005, p. 22).

⁶ Fédération Internationale de Football Association. Organização internacional sem fins lucrativos que dirige as associações de futsal, futebol de areia e futebol.

E o futebol continua refletindo na sociedade. Em qualquer área ou qualquer campo social. Segundo Couto (2009, p. 68), “o futebol impregna de tal maneira o cotidiano e o imaginário dos brasileiros que não é de admirar que ele esteja presente de alguma maneira em todas as nossas formas de expressão cultural”. O futebol faz parte das nossas vidas.

Além disso, o futebol lida diretamente com a emoção das pessoas. Seja em uma final de Copa do Mundo, ou em simples jogo de um campeonato local, o torcedor é envolvido por um sentimento de vitória, e que não aceita outro resultado a não ser aquele que vai fazê-lo melhor. Uma vitória, um título, um gol, tudo isso faz com que o torcedor vibre, se emocione. Derrotas, decepções, podem trazer consequências negativas para ele.

O futebol não é algo que desenvolve à margem da vida social, num compartimento estanque, mas sim uma espécie de magma ou de fluido que a invade por todos os poros. Não estava muito longe da verdade quem disse que, no Brasil, o futebol não é apenas uma das coisas mais importantes da vida – é a própria vida. (COUTO, 2009, p. 72).

A arquibancada, lugar clássico do torcedor, é composta por gente de todas as classes sociais, de todos os tipos, que se reúnem com o propósito de acompanhar o seu time de coração, em busca de uma vitória. Às vezes, ele assume o papel principal na vida de uma pessoa.

2.3 Jornalismo e futebol

Todos já ouviram a expressão ‘o Brasil é o país do futebol’. Até mesmo aquela pessoa que não acompanha com frequência a modalidade. Para Bezerra (2008, p. 18), “mesmo aquele que não gosta tanto do esporte, acaba tendo um time que simpatiza mais e numa Copa do Mundo assume a torcida pela seleção nacional”. E essa questão acaba refletindo na imprensa esportiva. Quando uma pessoa busca conteúdo esportivo na mídia, seja através de jornais impressos, rádio, internet ou televisão, é natural que a maioria dos assuntos seja relacionada ao futebol.

O futebol gera notícias extraordinárias, informações de vendas milionárias de jogadores, a vida cada vez mais glamourosa destes, pautas sobre superfaturamento de eventos esportivos, CPIs do futebol, e muito mais. Ou seja, futebol dá visibilidade. E as tecnologias aliadas na constituição do futebol espetáculo da atualidade como: transmissões via satélite, câmeras cada vez mais potentes e detalhistas, computação gráfica, etc, nos colocam numa condição de contempladores deste espetáculo. É como se não tivéssemos mais contato com o verdadeiro esporte, fôssemos apenas espectadores e não mais atores destes. (BEZERRA, 2008, p. 65).

Mesmo sendo a modalidade mais popular do país, Coelho (2003, p. 35-36) aborda que esporte não é sinônimo de futebol. “Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na

redação pensando que irá escrever só sobre futebol. Ai mais ainda de quem tiver loucura por outro esporte”. Ele ainda reforça que “se já dá trabalho conquistar reconhecimento na profissão trabalhando com futebol, é muito mais feroz a luta para chegar ao topo com outro esporte” (COELHO, 2003, p. 36). Nas editorias de esporte dos veículos de comunicação, é comum ver a equipe que se dedica ao futebol ficar bem separada da que se dedica a outras modalidades.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes. (COELHO, 2003, p. 38).

O futebol foi ganhando espaço na mídia esportiva no começo do século XX, na medida em que ele ia conquistando a sociedade de maneira geral. Bezerra (2008, p. 35) afirma que “vários jornais e revistas surgiram pelo país, especialmente no eixo Rio-São Paulo. Nas seções de esportes dos principais jornais, o futebol substituía as notícias do remo e do turfe, que dominavam o noticiário desde o início do século”. Um dos jornalistas que se destacavam nesta época era Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, criador do *Jornal dos Sports*. As crônicas de Nelson, que também era dramaturgo, ficaram conhecidas desde o início de sua carreira no jornalismo esportivo, em uma coluna no *Jornal O Globo*.

As crônicas de Nelson Rodrigues motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses. (COELHO, 2003, p. 17).

Aos poucos o futebol foi ganhando espaço em outros meios da imprensa, como o rádio. Segundo Tota (1990, p. 44), a Rádio Educadora transmitiu resultados de partidas de futebol, em uma tarde de domingo. O autor ainda esclarece que “não se tratava de transmissão direta dos jogos, mas sim de telegramas que eram lidos com os respectivos resultados dos jogos mais importantes”.

A primeira transmissão de uma partida de futebol em rede nacional no rádio aconteceu em 1938, quando a Rádio Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro, a Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo e a Rádio Clube de Santos, comandada pela Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro, fizeram a cobertura da Copa do Mundo da França. Tavares (1999, p. 132) diz que com isso, “inaugurava-se a era das transmissões esportivas internacionais, que mesmo com as limitações técnicas da época, irradiava a Copa do Mundo para o público do Brasil”.

Da mesma maneira em que o futebol ganhou espaço no rádio após se destacar nos jornais impressos, mais a frente foi a vez da televisão dar visibilidade para a modalidade.

Como já foi mencionado neste trabalho, o grande marco do jornalismo esportivo na televisão brasileira foi a Copa do Mundo do México, em 1970, a primeira transmitida ao vivo para grande parte do território nacional. E de lá para cá a evolução não parou, beneficiando tantos os jornalistas, como os torcedores. Desde 1970, todas as edições seguintes de Copas do Mundo de Futebol foram transmitidas ao vivo por emissoras de TV brasileiras.

A tecnologia foi sendo aprimorada ao longo dos anos, e o futebol passou a ter um tratamento mais profissional. Além disso, proporcionou diferentes sensações aos torcedores. Segundo Barbeiro e Rangel (2006 p.97), hoje o leque de pautas ficou mais amplo para os jornalistas, com tantos detalhes que a tecnologia proporcionou, como: “a dor de um jogador, o olhar de um cobrador de pênalti, a reação do torcedor”.

E sendo o esporte número um da nação, ele exige que o profissional esteja sempre muito bem preparado e atualizado. Pela importância e o tamanho que o futebol possui, o grau de exigência do público aumenta. Além disso, o jornalista não deve dar atenção apenas a competições importantes e com mais visibilidade. Sobre isso, Schinner (2004, p. 77-78) explica que “hoje deve-se conhecer profundamente o futebol local, regional, nacional e internacional, principalmente os clubes brasileiros e os jogadores que atuam no exterior, além é óbvio, das regras e dos regulamentos”.

Com a profissionalização do trabalho da televisão no futebol, surgiu uma questão importante com o passar dos anos, que foi os direitos de transmissão. A medida foi pensada inicialmente para que as emissoras pudessem adquirir exclusividade na cobertura dos eventos. Quanto maior o evento, mais a preocupação das organizadoras em distribuir os direitos. Schinner (2004, p. 131) diz que “Copas do Mundo e Olimpíadas são regulamentadas e têm fiscalização rigorosa, com altíssimas penalidades às emissoras que fizerem pirataria”.

Schinner (2004, p. 131), complementa que as emissoras de rádio praticamente não investem em aquisição de direitos de transmissão, e pirateiam o sinal das televisões. Além disso, enquanto as emissoras de TV investem milhões na estrutura para o evento, as rádios têm custo quase zero, já que fazem a transmissão dos próprios estúdios. Um exemplo de aquisição de direitos de transmissão pelas emissoras de TV, foi a cobertura da Copa do Mundo de 2002, realizada na Coreia do Sul e no Japão.

A Rede Globo havia garantido os direitos de transmissão alguns anos antes, pago em milhões de dólares, com a expectativa de faturamento e audiência. O problema é que a Seleção brasileira não teve bom desempenho nas eliminatórias. Outras emissoras, temendo prejuízo, não quiseram comprar as cotas vendidas a preços astronômicos. E o retorno financeiro só veio à medida que o time de Scolari foi evoluindo no evento. (SCHINNER, 2004, p. 131).

Outra modificação que aconteceu na mídia esportiva em relação ao futebol, e que permanece até os dias de hoje, foi a linguagem utilizada para noticiar os fatos. Segundo Bezerra (2008, p.109), o formato das notícias esportivas na televisão vem sofrendo uma grande mutação. Além disso, as notícias esportivas passam de um estado informativo para outro mais leve e descontraído, juntamente com a evolução tecnológica. “O relato da notícia, a informação em si, é praticamente deixada em segundo plano. Claro que o esporte pede uma narrativa mais leve, solta, mas sem exageros” (BEZERRA, 2008, p.109).

Essa linguagem descontraída ao falar do futebol é usada desde a metade do século XX, quando os narradores de rádio da época passaram a utilizar cada vez mais expressões populares.

Antes, a gaitinha de Ary Barroso sinalizava para o torcedor o gol. Hoje, por exemplo, o narrador Édson Mauro, da Rádio Globo, Rio de Janeiro, anuncia o gol gritando “bingo, bingo” ou “olha o gol, olha o gol” e conclui dizendo: “essa aí passou, essa aí passou” (referência à música de sucesso do Grupo É o Tchan). Maurício Menezes, que teve passagem por emissoras cariocas, anunciava a passagem de um time para o ataque, passando do meio campo: “lá vai o fulano, todo alegrinho, entrando na casa do vizinho”. (GUERRA, 2009, p. 8)

A grande ‘mudança’ na maneira de falar de futebol na televisão, e nas mídias em geral, veio em 2009 através da edição paulista do *Globo Esporte*, apresentado pelo jornalista Tiago Leifert, que fez uma reformulação no programa, conforme já mencionado na Introdução. As modificações passavam por desligar o teleprompter, falar de videogame, trazer uma linguagem do torcedor, colocar um comentarista no estúdio, produzir mais links ao vivo, entre outras. “O início foi turbulento. A audaciosa fórmula causou impacto e estranheza no público, que estava acostumado com o antigo modo da atração”, destaca Tavares (2013, p. 36). Mas aos poucos o público foi se familiarizando com o novo formato, e o programa atingiu a meta estipulada pelos diretores da emissora. O futebol mostrou mais uma vez ser capaz de fazer uma renovação na mídia.

2.4 Narração esportiva

Aos poucos, a linguagem do futebol também foi sendo utilizada nos meios de comunicação, principalmente com o fortalecimento da internet e a chegada das redes sociais, que facilitou o diálogo nesse estilo. Falando especificamente da televisão, os canais esportivos têm grande parte da programação dedicada ao futebol. E essa linguagem acaba sendo utilizada por todos profissionais, sejam eles repórteres, apresentadores, comentaristas ou narradores esportivos.

E assim chegamos ao foco deste artigo: a narração esportiva. Mas antes, precisamos falar da narração em si. A narração é a ação ou efeito de narrar, a exposição oral ou a escrita de um fato. Schinner (2004, p. 69) diz que “na linguagem oral, narrar é o mesmo que comunicar, comunicar-se, descrever, contar, relatar, transmitir, interagir. Todos são sinônimos de comunicação em sua expressão mais ampla”.

O autor explica ainda que os profissionais do microfone são comunicadores sociais, e que devem seguir preceitos básicos de comunicação. Além disso, ele diz que existe uma diferença entre os discursos utilizados pelo narrador e os argumentos de aproximação usados pelo comunicador:

O narrador usa um discurso genérico, relatando ou informando o fato concreto, como por exemplo: “O Brasil é campeão do mundo!”. Já o discurso do comunicador é específico e serve para atingir e se aproximar do ouvinte/telespectador: “Comemore, torcedor brasileiro, o título é seu!!!”. Entendeu a diferença? No caso do futebol, o comunicador torna-se um “animador de estádios”. (SCHINNER, 2004, p. 69).

Nesse papel de animador e comandante da jornada, o narrador esportivo faz referência à audiência como a torcida. Guerra (2009, p. 4) conta que “ele manda um abraço para a galera, para as pessoas que estão ligadas. E, por que não dizer, também levadas, durante a realização da partida, pela emoção”. Dentro do estilo narrativo, existe a narração jornalística. Ela é cada vez mais valorizada pelos veículos de comunicação, por conta do aprimoramento dos equipamentos de transmissão de áudio e vídeo que facilitam cada vez mais o trabalho do jornalista e melhoram a capacidade de cobertura.

Ao falar deste estilo, Schinner (2004, p.73) diz que “o olhar eletrônico é testemunha dos fatos nos quatro cantos do planeta, e assim podemos documentar, numa fração de segundos, coisas que estão acontecendo neste instante nos cinco continentes, ao vivo, em tempo real”. Ainda sobre a questão narrativa, Guerra (2009, p. 3) vai mais além e diz que “toda narrativa dos acontecimentos está estruturada no clímax, complicação e resolução. Vem a seguir o que se chama coda⁷, ou seja, um provérbio, uma moralidade ou um comentário genérico”.

No Brasil, o termo âncora começou a ser usado oficialmente pela *Rádio CBN*, desde ano de 1991, quando a emissora entrou no ar. O termo veio para substituir as antigas designações para os profissionais que tinham a função de apresentador, locutor e comentarista.

A terminologia âncora se espalhou rapidamente por todas as emissoras. Muitos companheiros vão argumentar que antes da década de 1990, já exerciam tais tarefas.

⁷ Fragmento musical que se junta a uma composição em que há repetições.

Mas certamente não eram chamados de âncoras. Na Copa de 1994 a própria CBN usou pela primeira vez um âncora de jornalismo nas transmissões de futebol, substituindo a tarefa que era feita pelo narrador no estádio. Tornou-se assim, responsável pelo pré-jogo, intervalo, e pós-jogo nas transmissões, com informações ligadas a todos os assuntos. Hoje a maioria das emissoras segue o mesmo sistema. (SCHINNER, 2004, p. 74).

O narrador esportivo sempre foi considerado um âncora, pois é o responsável por comandar uma transmissão. Além disso, é ele quem comanda toda a equipe que participa da cobertura daquele evento. O narrador esportivo é responsável por descrever, relatar, contar, transmitir um evento de esportes. E hoje ele precisa ter conhecimento de todas as modalidades esportivas, coisa que não era exigida em outros tempos. “Antes, o locutor era um especialista em narrar futebol e ‘quebrava o galho’ em modalidades como basquete, boxe, voleibol, ou automobilismo” (SCHINNER, 2004, p. 74-75).

E mesmo buscando o aperfeiçoamento técnico, o locutor lida com um fator que já foi citado anteriormente neste trabalho, e que está presente no futebol e nas demais modalidades, que é a emoção do torcedor. A emoção também faz parte do trabalho do narrador esportivo. Ela é o mais importante combustível do ser humano, pois acabando funcionando como uma espécie de gatilho de todos os sentimentos. E esse fator é explorado pelos narradores esportivos e pelos profissionais de imprensa esportiva falada.

A emoção está nos gramados, nas pistas, nas piscinas, nos ringues, nas quadras e em todas as praças esportivas. Está nos olhos do vencedor, na chegada triunfal do corredor da maratona, na raiva estampada no rosto do atleta ferido, no soco no ar do atleta que fez o gol do título, no xingamento preso na boca do torcedor, e no grito solto na garganta do narrador de futebol. (SCHINNER, 2004, p. 81).

Apesar de não ser um gênero novo, a narração esportiva vem passando por diversas modificações ao longo do tempo, com o objetivo de se tornar atraente e conquistar um público cada vez maior. Sobre isso, Santos (2012, p. 32) explica que “com o advento de novos suportes, – o rádio, a TV e a internet – novas exigências se impuseram àqueles que emprestam suas vozes, conhecimento e espírito para relatar o que acontece em campo ao espectador”. Por isso, a figura do narrador surge como um fator central e gerenciador do discurso em uma transmissão esportiva.

Muitos fazem ainda uma comparação entre a emoção e a vibração dos locutores de rádio e televisão, dizendo que a transmissão radiofônica é mais emocionante. Guerra (2009, p. 4) afirma que “alguns ainda acrescentam que não se importam quando o locutor ‘exagera’, dizendo que a bola passou raspando ao travessão e, na verdade, ela foi longe. A emoção precede o sentido”.

Guerra (2009) observa que o processo de evolução da narração esportiva reforça a ideia de que acontece um jogo no campo e outro na transmissão radiofônica. Essa narrativa é eminentemente descritiva, que é feita em cima do nome de jogadores, suas jogadas, expressas por verbos. “A emoção vem através do ritmo colocado, do tom da narração, da sonoplastia, dos efeitos sonoros, do barulho que vem da torcida” (GUERRA, 2009, p. 10).

Mas embora seja um sentimento que faz parte do ser humano, a emoção tem limite e necessita ser controlada. Schinner (2004, p. 81) explica que “no aspecto profissional, é você quem controla sua emoção, e não a emoção que toma conta do seu trabalho e do seu comportamento”. Todo profissional de microfone deve possuir um controle emocional, pois só dessa maneira conseguirá adquirir a credibilidade necessária para desempenhar seu trabalho.

A narração esportiva de futebol é configurada como um gênero discursivo, resultado de uma interação verbal mais complexa. O narrador, segundo Santos (2012, p. 34), “se posiciona enquanto enunciatador dos telespectadores, interage com os comentaristas, repórteres e plantonistas, e estes, juntamente com o narrador/locutor, visam a uma interação com o telespectador, a qual pode acontecer ou não”.

Schinner (2004, p. 103) afirma que “o narrador esportivo tem o poder da mensagem, o dom da comunicação, o domínio da eloquência e sabe valorizar como ninguém a palavra falada, como faziam os filósofos gregos. Ele precisa ter a exata noção que deve sempre procurar utilizar uma linguagem simples e clara, com objetividade. “A mensagem se perde no ar no momento em que é transmitida. Ou seja: se não conseguir entendê-la, o receptor talvez não dê a você uma segunda oportunidade” (SCHINNER, 2004, p. 104).

Ao tratar da linguagem utilizada pelos narradores esportivos, Capinussú (1997, p. 18) afirma que “a transmissão das competições através de uma linguagem estereotipada e redundante, abundante em sinonímias⁸, ao invés de revelar uma pobreza de imaginação, constitui-se em uma comunicação de forma mais breve e inteligente”. Bueno e Ostrovsky (2015, p. 257) afirmam que uma das coisas que um narrador esportivo deve fazer “é não se imaginar mais importante do que a imagem, mas não se minimizar a ponto de ser dispensável”.

Até o início da década de 1990, as transmissões de futebol na televisão brasileira pouco acrescentavam em termos de linguagem. As próprias coberturas não possuíam um grande aparato. A justificativa era que na época, a Rede Globo não se interessava em

⁸ Particularidade das palavras que são sinônimas; relação de sentido entre duas palavras (vocábulos) que possuem significação muito particular ou própria. Análise e/ou teoria a respeito dos sinônimos.

transmitir futebol, pois achava que não era um negócio que poderia trazer lucros, que irá prejudicar a audiências das telenovelas e da programação de domingo. Segundo Schinner (2004, p. 124), “a grande virada veio quando a Globo passou a enxergar o futebol como algo rentável, culminando com a criação de sua própria empresa para administrar os eventos”.

Porém, também nos anos 1990, aparecerem os canais por assinatura. Eles vinham acompanhados das produtoras que terceirizavam os serviços. “As emissoras que contratavam os serviços passavam a exigir padrão de qualidade, ditando as normas e determinando o formato das transmissões” (SCHINNER, 2004, p. 125). Em termos de linguagem de vídeo, a maior revolução ocorreu após a chegada da computação gráfica, que ilustrou as transmissões. Outros ângulos de câmeras passaram a ser utilizados, e os narradores também eram mostrados em todos os jogos, fazendo com que as cabines dos estádios se transformassem em pequenos estúdios.

Com a chegada da tecnologia, foi-se o tempo em que as transmissões esportivas não atraíam os telespectadores. Hoje em dia, tanto o público quanto o narrador esportivo de televisão, possuem um leque de informações disponíveis na tela, auxiliada pelas computações gráficas que conseguem atrair ainda mais a atenção da audiência.

3 Análise

Diante disso, este artigo apresenta um estudo de caso de narração esportiva de futebol. Nesta seção são analisadas as narrações dos dois principais locutores esportivos do país: Galvão Bueno, pela Rede Globo, e Luciano do Valle, pela Rede Bandeirantes. A ideia é observar as mesmas partidas de futebol das décadas de 1990, 2000 e 2010 que ambos transmitiram e, assim, observar as transformações ocorridas nas três últimas décadas.

Os jogos analisados são: Milan 2x3 São Paulo, pela final da Copa Intercontinental de Clubes de 1993; Corinthians 4x3 Palmeiras, pela partida de ida da semifinal da Taça Libertadores da América de 2000; e Brasil 3x0 Espanha, pela final da Copa das Confederações de 2013. Conforme critérios estabelecidos na metodologia, explicitados na Introdução, optamos por dedicar a análise da narração no início do jogo, nos gols marcados e final de jogo.

3.1 Milan 2x3 São Paulo (1993)

No dia 12 de dezembro 1993, a final da Copa Intercontinental de Clubes foi disputada entre a *Associazione Calcio Milan*, da Itália, e o São Paulo Futebol Clube, do Brasil. O time brasileiro chegou até a competição após conquistar a Taça Libertadores da América. O adversário seria o Olympique de Marselha, da França, que fora o campeão da Liga dos Campeões da Europa. Porém, a equipe francesa foi suspensa pela UEFA⁹ por um escândalo de compra de árbitros no Campeonato Francês. Com isso, o Milan, que foi o vice-campeão da competição europeia, herdou a vaga.

3.1.1 Início do jogo

Na transmissão da Globo, Galvão Bueno inicia o jogo falando: *Autoriza Joel Quinou! E começa o jogo no Estádio Olímpico de Tóquio! O Milan, como era de se esperar, vai pra cima com tudo nos primeiros momentos.* Nos primeiros minutos de partida, Galvão Bueno pouco relatou o que estava acontecendo em campo. O narrador era mais um condutor da transmissão, trazendo estatísticas, informações, e contando até algumas impressões suas sobre o estado do gramado e o estilo de jogo da equipe italiana, sem falar do time brasileiro, o São Paulo. E continua: *O campo é uma mesa de bilhar. A bola corre, corre fácil. Havia até um pouco de preocupação por parte do São Paulo, dizendo que essa bola ia correr demais.*

Galvão chegou a interagir com os gráficos da temperatura no Japão que apareceram na tela, além de falar “diretamente” com o telespectador, no caso, torcedor. Sobre esse estilo de transmissão, Coelho (2003, p.64) afirma que a Globo transmite as partidas de futebol como se fosse uma atração quase perfeita, a emissora não menciona os problemas que aquele cenário, no caso o estádio, apresenta.

Pela Bandeirantes, Luciano do Valle faz a abertura do jogo dizendo: *Começa o jogo em Tóquio, lá vem o Milan! Aquilo que o Juarez¹⁰ falou.* O locutor já inicia destacando uma observação anterior feita pelo comentarista da transmissão. Na narração, é possível ouvir outros profissionais de imprensa do Brasil falando junto com Luciano. As cabines de transmissão eram muito próximas umas das outras no estádio. Com relação à narração da partida, o locutor da Band se preocupou mais em relatar os lances nos primeiros minutos de jogo do que seu concorrente da Globo.

Ainda no início do jogo, ao falar sobre alguns telões que estavam transmitindo a partida em lugares de São Paulo, Luciano do Valle mandou abraços para algumas pessoas,

⁹ Union of European Football Associations, entidade de futebol que representa as federações nacionais da Europa.

¹⁰ Juarez Soares, comentarista da Rede Bandeirantes.

algo característico de suas narrações. Sobre isso, Schinner (2004, p. 55) diz que esses constantes abraços a amigos e patrocinadores são a principal crítica às narrações de Luciano. Segundo o autor, ele age “como se as transmissões em rede nacional se transformassem em enormes quermesses escolares”.

Isso mostra como a comunicação do futebol se tornou em algo importante para o público. Daolio (2005, p5) diz que o futebol serve como uma espécie de linguagem ritual, através das questões mais profundas da sociedade que são expressas, como a euforia, o luto e o orgulho. Da mesma maneira para os veículos de comunicação, que utilizam dessa linguagem e desse estilo de comunicação para faturarem em cima de patrocínios.

3.1.2 Os gols

Ambos os narradores não escondiam a torcida pela equipe brasileira. No primeiro gol do jogo, anotado pelo São Paulo, os locutores destacaram após o grito de gol, que aquela havia sido a primeira jogada mais ofensiva do time. Galvão disse: *Foi a primeira vez que o São Paulo saiu com seis jogadores. Veio pra Cafu, meteu no meio, Palhinha!* Luciano foi pelo mesmo caminho: *Na primeira descida do tricolor do Morumbi que valia, que valia. Tudo certo, e o São Paulo marca o primeiro em Tóquio!*

É possível notar que o locutor gerencia as várias vozes que atuam na narração, a fim de chamar a atenção da audiência. Ele procura fazer o telespectador entender que a partida é digna de ser assistida, seja pelas ações que acontecem em campo e são narradas, ou pela emoção transmitida na enunciação do locutor. Santos (2012, p.45) afirma que “faz parte das estratégias para conquistar a adesão do telespectador o uso de uma linguagem próxima ao coloquial e, conseqüentemente, familiar a este público”.

No gol empate do time italiano, há uma mistura de frustração e indignação. *Olha só a bobeira, o que que houve? O André cortou, o toque do Leonardo. Desailly botou, o Válber. O Massaro veio por trás, o Zetti não teve como tentar no reflexo, ela passou praticamente por entre as pernas,* disse Galvão Bueno. Luciano do Valle também não escondeu a frustração, chegando a criticar o posicionamento defensivo do time brasileiro: *Quando a defesa do São Paulo deixou o Massaro livre. Parecia inclusive que estava impedido, mas não estava não. Um olhando pro outro, o outro olhando pro um. E Massaro empata para o Milan!*

Quando o São Paulo faz o segundo gol, há uma particularidade nas duas transmissões. Nenhum dos dois narradores fez uma explicação muito grande da jogada que

antecedeu o gol, pois neste momento, os outros profissionais envolvidos na transmissão estavam com a palavra, e devolveram para os locutores poucos segundos antes do gol se marcado. O segundo gol de empate da equipe italiana tem a mesma frustração do tento anterior, agravado desta vez pelo momento da partida, que já estava na reta final.

Galvão chegou a dizer que o gol aconteceu por causa de uma substituição que o treinador do Milan havia feito há poucos instantes. *Gol do Milan! No dedo do técnico Fábio Capello. Essa você pode dizer que foi gol do técnico. No que ele mexeu, fez a dupla Massaro e Papin! Vem a bola, Massaro cabeceia pra trás, e Papin bota pra dentro! Na mexida do técnico, o São Paulo permite o empate aos trinta e seis minutos do segundo tempo!*

Do Valle fez questão ressaltar que o lance do gol lembrou jogadas típicas do futebol italiano. *Faltam só nove e cinquenta, olha só! Gol do Milan! De cabeça Papin empata pro Milan! No finalzinho do jogo, do tempo regulamentar, aos trinta e seis minutos. Numa jogada típica do futebol italiano, europeu, de cabeça em cabeça.*

Guerra (2009, p.3) diz que o discurso narrativo aparece associado à avaliação. É o espaço que o narrador possui para apresentar, por meio de seu discurso, que alguma coisa poderia ser feita de maneira diferente. “É quando o locutor esportivo acrescenta à descrição de um bom ataque a avaliação de que se o jogador chutasse com o pé direito teria feito o gol”. Nota-se, portanto, que os dois narradores mostram opiniões diferentes. Galvão desvaloriza dizendo que o time nacional permitiu o gol, enquanto Do Valle elogia o futebol italiano.

Pouco antes do terceiro gol do São Paulo, que daria o título para o time brasileiro, Galvão Bueno já começava a dar uma justificativa para o empate do Milan. *São Paulo tá aí, final de temporada, quase cem jogos realizados. Mas é valente o time do São Paulo.* E, em contrapartida, afirmava que a equipe italiana vinha de poucos jogos, pois a temporada europeia começara no meio do ano, enquanto a brasileira iniciava nos primeiros meses.

Após o gol, diz que ele aconteceu pela força de vontade do time brasileiro, tentando até justificar a fala anterior. *Na raça pura, no jeito que deu. Meio de costas, meio de joelho. Mas muito com o coração! Com a vontade, com a garra e com a raça do São Paulo e do futebol brasileiro.* Assim como Galvão, Luciano do Valle também destacou a dificuldade que o atacante são-paulino teve para marcar o gol, e enfatizou a importância da finalização, por estar nos minutos decisivos de partida. *O São Paulo em cima da hora faz o terceiro gol.*

Nas jogadas dos três gols do São Paulo, Galvão Bueno utilizou frases de incentivo a equipe brasileira, que iram ser repetidas pelo narrador após o grito de gol. No primeiro gol, por exemplo, ele disse: *Palhinha. Toninho Cerezo faz a inversão. Jogou certinho pra André.*

Quem sabe é agora. To sentindo firmeza no lance! Olha o lançamento pra Cafu. Cerezo ta na área. Bateu cruzado, olha o gol! Olha o gol! Eu disse! Eu disse!

Sobre essas frases de efeito, Guerra (2009, p.14) afirma que desde quando os narradores descobriram a maneira ideal de transmitir o futebol e prender a atenção das pessoas, a impressão que se tem é que foi firmado uma espécie de “contrato de leitura” entre eles. “As expressões que foram sendo criadas e firmadas entre os que acompanham a transmissão esportiva transformaram-se em verdadeiros códigos com a composição da linguagem do jogo”.

Já Luciano do Valle, depois do gol, procurava fazer um relato mais objetivo e direto da jogada, passando a palavra rapidamente para o repórter Ely Coimbra. O quinto gol da equipe brasileira mostra bem isso: *Gol! Muller! Muller! O São Paulo em cima da hora faz o terceiro gol. Ela entrando de mansinho, de mansinho, de mansinho! Três para o São Paulo, dois para o Milan! Olha a festa verde e amarela. Muller! Ely!*

Apesar de as duas emissoras utilizarem a mesma imagem da partida, oriunda do sinal internacional, elas tinham recursos diferentes a disposição. Em cada gol do São Paulo, por exemplo, a Globo reproduzia o hino do time brasileiro, e colocava uma imagem em tamanho reduzido no canto superior direito da imagem, mostrando a reação dos torcedores da equipe paulista que assistiam ao jogo no Brasil.

Esses artifícios utilizados pelas emissoras de televisão em uma partida de futebol mostram que a informação veiculada na TV apresenta algumas peculiaridades como, por exemplo, a articulação das imagens. Santos (2012, p.33) explica que “esse suporte apresenta uma rede semiológica complexa, sendo a significação o resultado de um trabalho em conjunto de fala e imagem”. O autor completa dizendo que as imagens “apresentam, então, uma orientação em termos de significado, pois, ao serem mostradas, são acompanhadas da fala de um ou mais jornalistas os quais imprimem um significado”.

3.1.3 Final do jogo

Os minutos finais do jogo mostraram os locutores ansiosos e emocionados pelo fim da partida. *Estamos por conta do juiz. Pressão total dos jogadores do São Paulo. O São Paulo vai comemorar o título de bicampeão mundial interclubes! O Brasil vai chegar ao seu sexto título mundial. Dois do Santos, um do Flamengo, um do Grêmio, e dois do São Paulo,* disse Galvão Bueno.

Luciano do Valle também demonstrava empolgação com o resultado. *Sai a bola num sufoco, quando o tempo regulamentar está esgotado em Tóquio! São Paulo, a um passo do bicampeonato mundial em Tóquio! Num jogo extraordinário. O grande Milan vai se curvando ao São Paulo. Tudo pronto, tudo pronto pra grande festa aqui em Tóquio e em todo o Brasil!*

Schinner (2004, p.69) explica que estilo de linguagem no futebol é próprio do narrador. Uma das missões dele em uma transmissão de futebol é tentar fazer o papel de animador, procurando sempre fazer com que o telespectador faça parte daquele momento que está sendo mostrado. O locutor busca sempre passar emoção a quem está assistindo. Para Santos (2012, p.10) “A emoção vem no ritmo, no tom da narração, na sonoplastia, nos efeitos sonoros, no barulho que vem da torcida.”. Com base nisso, é possível afirmar que os dois narradores fizeram o papel de animador durante a transmissão, principalmente após a confirmação do título do time brasileiro.

O narrador da Band ainda recordou da Copa do Mundo que seria disputada no ano seguinte, nos Estados Unidos. *Tenha certeza que a festa acontecerá em todos os pontos brasileiros. Torcedor brasileiro, que título, que vem numa boa hora! Vamos entrar com o pé direito em noventa e quatro, o ano da Copa do Mundo.*

Ambos faziam questão de enaltecer a importância que o resultado causava no futebol brasileiro. Para se ter uma ideia, durante a comemoração do título da equipe brasileira, Luciano do Valle diz: *Somos bicampeões do mundo!* Sobre esses discursos mais efusivos, Silveira (2009, p.22) explica que “o futebol é retratado com dramaticidade, há uma idolatria aos jogadores e um escrito que tem por finalidade motivar o torcedor”.

3.2 Corinthians 4x3 Palmeiras (2000)

Um dos maiores clássicos do futebol brasileiros decidiu uma vaga na final da Taça Libertadores da América de 2000. O confronto entre Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras seria decidido em dois jogos, que seriam realizados no estádio do Morumbi, na cidade de São Paulo. A partida de ida aconteceu no dia 30 de maio daquele ano. Esse era o segundo ano consecutivo que os dois times se enfrentavam pela competição.

A rivalidade entre as duas equipes é tamanha, que alguns narradores já sofreram ameaças de torcedores e profissionais das duas equipes, por conta de uma possível torcida para um dos times. Um desses fatos aconteceu com Galvão Bueno, em 1998. “Depois de uma

partida do Campeonato Brasileiro, Felipão¹¹ afirmou em alto e bom som que Galvão Bueno narrava os gols do Palmeiras em tom infinitamente inferior ao que cantava os gols dos rivais palmeirenses. Em especial, os gols do Corinthians” (COELHO, 2003, p.63). A colocação de Felipão foi tão infeliz, que no jogo seguinte no Parque Antártica, antigo estádio do Palmeiras, Galvão Bueno só conseguiu deixar o local por volta das 3 horas da manhã, quase quatro horas depois do final da partida.

3.2.1 Início do jogo

Por se tratar de um confronto entre dois times brasileiros em uma competição internacional, os dois narradores fizeram uma narração imparcial, sem torcer por nenhuma das equipes que estavam jogando, diferentemente do jogo entre Milan e São Paulo, onde os dois locutores declaravam apoiar a equipe brasileira. Portanto, Galvão mostrou ser imparcial quando narra jogos de dois times brasileiros. E um dos elementos da narração esportiva é justamente a imparcialidade.

Schinner (2004, p.107) aponta um exemplo de imparcialidade na narração esportiva, que foi a final da Copa do Mundo de 1998, quando a França derrotou o Brasil por 3 a 0. O certo seria noticiar a vitória dos franceses e não a derrota brasileira, independente se você trabalha em um veículo de comunicação do Brasil.

O autor ainda diz que “o futebol pode sintetizar essa situação: num confronto entre clubes de diferentes estados, não devemos narrar ou fazer comentários exclusivamente do ponto de vista da praça que estiver gerando o jogo”. A maioria das transmissões feitas atualmente é em rede nacional, e o profissional deve se tornar, segundo o autor, um "narrador do Brasil", esquecendo seu estado de origem. Essa característica foi notada, tanto na narração de Galvão Bueno, quanto na de Luciano do Valle.

Assim que o jogo começou, o narrador da Rede Globo iniciou dizendo: *Rola a bola! Começa o jogo no Morumbi*, diferente da abertura que fez na partida de 1993, quando a primeira frase foi com relação à autorização do árbitro para que o jogo fosse iniciado. Já Luciano fez o inverso. Em Milan x São Paulo, ele não iniciou o jogo falando que estava autorizando o começo da partida, mas fez isso na transmissão de 2000, dizendo: *Autoriza Edilson, sai o Palmeiras! Ta rolando a bola aqui no Morumbi*.

¹¹ Luiz Felipe Scolari, técnico do Palmeiras na época.

Isso demonstra um novo estilo de cada locutor em iniciar o jogo. Santos (2012, p.34) afirma que “conforme o suporte em que é produzida, a mesma narração pode apresentar alterações na sua forma arquitetônica, na sua forma composicional, no estilo de narrar”.

Os dois narradores faziam a transmissão em emissoras de TV aberta, onde o estilo de narração deve ser mais ilustrativo do que na TV fechada. Além disso, o conteúdo deve ser mais ancorado. Sobre a maneira de conduzir a transmissão, Schinner (2004, p. 77) diz que o narrador tem que fazer um trabalho simples. “Deixe a bola rolar e apenas siga os movimentos, usando somente o seu carisma e suas qualidades essenciais”. Ao seguir esse estilo, os dois locutores fizeram narrações parecidas.

Nos primeiros minutos, Galvão manteve o estilo de não descrever tanto os lances de partida, e se preocupou mais em trazer informações sobre o confronto e a competição. Explicou, por exemplo, o que aconteceria em caso de empate nos dois confrontos, e citou o outro jogo da semifinal da Taça Libertadores da América. *Na outra semifinal, começa amanhã Boca Juniors e América do México. Aqui serão dois jogos: hoje e na próxima terça-feira. Você sabe, a soma de resultado de dois jogos, em caso de igualdade, vitórias por mesma diferença de gols, ou mesmo empate, a decisão na Libertadores sai direto nos pênaltis depois do segundo jogo.* Com isso, Galvão mostra que o locutor esportivo também temo dever de informar ao telespectador sobre todas as situações que envolvem o jogo, e não se prender apenas ao que acontece dentro do campo.

Já Luciano manteve o seu padrão de descrever os lances mesmo nos primeiros instantes de partida. *Cortou César Sampaio no time do Palmeiras. Toque de cabeça de Euler, recuperação do Edu. Tem colocado ali o Kleber. Ainda o Edu, virando lá pro lado direito pro Daniel. Tem bom campo pra percorrer o Daniel. Cruzamento pra área, Marcos! Sai pegando bem, neutralizando bem pro time do Palmeiras.*

Esse modo de narrar de Luciano acaba indo de encontro com que Schinner (2004, p.75) chama de “narrarismo”. Segundo ele, esse estilo “é uma tendência inevitável no modo de transmissão na televisão brasileira”. E isso é algo que acaba sendo particular de cada profissional. Santos (2012, p.43) afirma que esse estilo que Luciano utiliza “é uma narrativa construída simultaneamente ao desenrolar dos acontecimentos – o que leva o narrador/locutor a produzir uma narrativa alinear em termos das ações que decide narrar”. Essa maneira de Luciano transmitir os jogos é, portanto, diferente do estilo de Galvão, que opta por um modo um pouco mais ancorado.

3.2.2 Os gols

Galvão sempre mantinha um padrão nas narrações dos gols: *Gol! É do [nome do time]*. Isso aconteceu nos sete gols da partida. Por outro lado, Luciano já não tinha a mesma preocupação, podendo descrever o gol de maneiras diferentes. Os três primeiros gols do jogo mostram isso: *Gol de Ricardinho para o Corinthians!; Gol do Palmeiras, Júnior!; Gol contra do Argel!*

Sobre o grito de gol dos narradores, Coelho (2003, p. 65) traz uma opinião do jornalista Juca Kfourri, que julga o grito de gol como algo desnecessário em uma transmissão esportiva. “Para ele, o simples fato de afirmar que houve o gol já seria o suficiente para chamar a atenção do espectador, que não é burro, afinal”. O autor completa dizendo que o grito de gol “poderia vir acompanhado de análise crítica do que está se passando dentro de campo”.

No segundo gol do Corinthians, os narradores creditaram o gol para diferentes jogadores. Galvão Bueno afirmou que o gol havia sido do jogador corintiano. *Marcelinho número sete! A bola bateu no Argel.* Já Luciano informou que o gol teria sido do zagueiro alviverde. *Gol contra do Argel! Gol contra do Argel! Tirou a bola do goleiro Marcos.* Após a partida, o árbitro confirmou que o gol foi marcado por Marcelinho, do Corinthians. Luciano não corrigiu a informação, pois a transmissão já havia terminado, e os repórteres não o informaram durante o jogo. Isso significa que o espectador da Band recebeu a informação errada durante a partida.

Outro detalhe é que a descrição da jogada após a marcação do gol, é sempre menor por parte do locutor da Bandeirantes. Luciano é sempre mais direto nos detalhes pós-gol, procurando sempre passar a palavra rapidamente para o comentarista ou para o repórter, ou dando liberdade para que a eles possam falar sem precisar do pedido do narrador. Já Galvão, procurava fazer um relato um pouco mais estendido antes da participação de outro profissional da transmissão.

Um exemplo disso é o quinto gol da partida, o segundo anotado pelo Palmeiras. Luciano fez uma narração muito rápida do lance. *Gol do Alex, de forma maravilhosa! Como o Júnior viu o Alex entrando, meteu na cabeça, ele só desviou do Dida.* Imediatamente, o comentarista Orlando Duarte fez a análise do gol.

Santos (2012, p.34) entende que a narração esportiva de futebol se configura como um gênero discursivo, que é resultado de uma interação verbal mais ampla, “já que o narrador/locutor, que se posiciona enquanto enunciador dos telespectadores, interage com os

comentaristas, repórteres e plantonistas”. Nessa interação, os dois narradores agiram dentro do mesmo estilo.

Já Galvão descreveu o lance por muito mais tempo. *Gol! É do Palmeiras! Alex aos trinta minutos do segundo tempo. O gol que sai dos dois jogadores diferenciados desse time do Palmeiras. Júnior na enfiada de bola de perna esquerda. Alex fechando por trás da defesa, por trás do Adilson. E o toque do craque, né? De cabeça matou o Dida, tirou do lance. Segundo gol do Palmeiras, põe fogo de novo no jogo. Três para o Corinthians, dois para o Palmeiras. Imagine aí, Casagrande. Quinze minutos ainda nesse jogo, e mais noventa na terça-feira.* Só neste momento que o comentarista Casagrande pode falar sobre a jogada. Sobre o estilo de Bueno, Coelho (2003, p, 64) afirma que:

É fácil malhar Galvão Bueno. Dono de uma das vozes mais brilhantes entre os locutores brasileiros, ele é tecnicamente perfeito. E, se irrita, irrita mais pela superexposição do que pelos próprios erros que comete. Ele está lá para levar o torcedor ao delírio. O comentarista e o repórter é que têm a obrigação de analisar friamente o que está ali, na cara do espectador.

Dentro do estilo narrativo, é possível notar que Galvão Bueno se posiciona mais durante a transmissão. O narrador da Globo procura fazer algumas análises do jogo, mesmo que o seu papel seja o de relatar os fatos da partida. Enquanto isso, Luciano do Valle opta por deixar as análises para o comentarista da transmissão, que é o responsável pela função.

Os demais gols da partida foram narrados dentro dos estilos já mencionados dos locutores. Com a exceção do último, quando os dois narradores chamaram a atenção para o mesmo detalhe. Foi o quarto gol do jogo em que a bola desviou em um adversário antes de entrar. Sobre isso, Galvão relatou: *Aos quarenta e cinco e quarenta, o quarto gol do Corinthians, no jogo das bolas desviadas pelos zagueiros.* Já Luciano do Valle disse: *Outra vez a bola bateu em alguém. Outra vez o goleiro foi traído. Mais uma emoção no Morumbi.*

Nota-se que a palavra emoção é citada mais uma vez em uma transmissão. Dessa vez ela foi incorporada ao sentimento do torcedor que estava no estádio acompanhando o jogo. Daolio (2005, p.22) explica que “o torcer sofre influência das mais diversas ordens, desde o contexto histórico-social até as questões pessoais mais íntimas; ao mesmo tempo que influencia, deixa marcas e faz história”. Isso significa que os dois narradores quiseram que o telespectador em casa tivesse a mesma emoção que estava sendo sentida no estádio. Esse é um dos papéis da narração esportiva.

3.2.3 Final do jogo

Ao fim da partida, outra demonstração de que o narrador da Globo procurava fazer descrições mais longas do que estava acontecendo. Assim que o jogo acabou, Galvão disse: *Aponta o centro do campo, Edilson Pereira de Carvalho! Final de jogo no Morumbi. Um grande clássico, mais uma vez um grande clássico no futebol brasileiro. Mais uma vez um grande confronto. Felipão sai irritado, claro. Foi buscar um empate em três a três, perdia três a um. E no final o Corinthians chega ao quarto gol, vence por quatro a três. Na próxima terça-feira, o Corinthians joga pelo empate. O Palmeiras precisa vencer por dois gols de diferença. Se o Palmeiras vencer por um gol de diferença, a decisão será nos pênaltis.*

Já Luciano do Valle foi mais breve e direto assim que o árbitro terminou o jogo. Simplesmente, anunciou o vencedor do jogo, o placar, e acionou os dois repórteres de campo para as entrevistas com os jogadores na saída do gramado. *Vai terminar. Terminou! Ganhou o Corinthians, quatro a três. No gramado, Fernando¹² e Ceará¹³!*

Podemos considerar, portanto, que ambos os narradores mantiveram o estilo de narração nos principais momentos do jogo de uma década para a outra. Galvão Bueno dedica os primeiros minutos da partida para situar o telespectador do que está acontecendo. Ele prefere informar tudo que cerca aquele evento antes de propriamente iniciar a narração do jogo em si. Bezerra (2008, p.85) diz que “o estilo peculiar de transmitir uma partida faz dos locutores esportivos, parte do jogo”.

Luciano do Valle continuou optando por ser, de fato, o encarregado de contar o que estava acontecendo em campo desde os minutos iniciais de jogo. Isso é algo que foi sendo construído após muitos anos, já que antigamente, segundo Silveira (2009, p.24), “as transmissões limitavam-se a indicar o nome do jogador que chutava a bola”.

Outra constatação feita a partir das transmissões é com relação à narração de gol de cada locutor. No jogo de 1993, Galvão Bueno narrou os três gols do São Paulo da mesma maneira. *Gol! É do São Paulo em Tóquio.* Neste jogo de 2000, ele manteve o estilo de gritar os gols do jogo da mesma maneira. Porém houve uma mudança, já que dessa vez informava o gol e o nome do time que havia marcado, diferente do jogo da década anterior quando ele informava o local onde gol havia sido feito. Na partida entre Corinthians x Palmeiras, os sete gols do jogo foram narrados da mesma forma. *Gol! É do [nome do time].*

Luciano do Valle não possuía um padrão nos gols do jogo. Nem na década de 1990, nem na década seguinte. Os dois narradores também mostraram diferenças nas frases usadas para informar o início do jogo. Ambos utilizaram termos diferentes mostrando,

¹² Fernando Fernandes, repórter da Rede Bandeirantes.

¹³ Luiz Ceará, repórter da Rede Bandeirantes.

portanto, que não houve uma modificação na abertura da partida por parte dos narradores, já que não houve a criação de um termo específico para este momento da transmissão.

Esses termos, conhecidos como bordões, são muito utilizados por narradores, principalmente de rádio. Eles são utilizados, segundo Bezerra (2008, p.85), “para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a sua audiência”. O autor completa dizendo que “narradores utilizam formas criativas, inventam bordões e buscam no próprio povo, expressões que podem facilitar a identificação com o que estão falando”. Isso mostra que, entre os locutores, Galvão é quem utiliza mais bordões ou frases de efeito durante uma transmissão.

3.3 Brasil 3x0 Espanha (2013)

Brasil e Espanha fizeram a final da Copa das Confederações de 2013 no estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. A decisão aconteceu no dia 30 de julho daquele ano. O torneio servia como preparação para o país-sede, no caso o Brasil, para a Copa do Mundo do ano seguinte. O Brasil se classificou para a Copa das Confederações por ser o anfitrião do campeonato. Já a Espanha conseguiu a vaga após se sagrar campeã da Eurocopa¹⁴ de 2012.

3.3.1 Início do jogo

Na década seguinte, mais precisamente treze anos depois, mais uma vez os narradores utilizaram termos diferentes dos outros jogos para relatar o começo da partida. Enquanto Galvão Bueno iniciou falando: *Autoriza o árbitro! Mexeu na bola o time do Brasil! Começa o jogo no Maracanã*, Luciano do Valle contou o início do jogo dizendo: *Sai o Brasil! Começa, está rolando a emoção!* Schinner (2004, p. 80) diz que “emoção é sem dúvida a palavra mais usada nas transmissões esportivas. É também o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como gatilho de todos os sentimentos”.

Com relação às frases utilizadas pelos locutores no início de cada partida, é possível constatar mais uma vez que ambos não tinham um bordão, ou uma frase que era repetida para utilizar nesse momento do jogo. Ambos utilizaram expressões diferentes para anunciar o começo da partida.

¹⁴ Competição de futebol com seleções do continente europeu.

Assim como nos outros dois jogos analisados, durante os primeiros minutos, Galvão Bueno pouco narra os lances do jogo durante este período de tempo. A exceção é justamente nesta partida entre Brasil x Espanha, de 2013, onde o primeiro gol brasileiro acontece logo no início. Mesmo assim, é possível notar que o locutor da Globo manteve o mesmo estilo de narração dos anos anteriores.

Na transmissão da Bandeirantes, Luciano do Valle também segue o estilo de descrever as jogadas desde os primeiros segundos de partida. Segundo Schinner (2004, p. 55), “é o famoso estilo radiofônico na TV, bem adaptado, é claro”. Esse estilo de narração trazida do rádio para a televisão veio com a intenção de agradar o torcedor.

Schinner (2004, p33-34) ainda conta que o SporTV¹⁵ gravou um piloto¹⁶ numa partida entre Portuguesa e Guarani, no estádio do Canindé, na cidade de São Paulo. No treinamento de equipe, duas formas diferentes de narração foram simuladas: uma com um estilo radiofônico, mais emocional, porém sem os tradicionais bordões. A outra era mais ancorada, mais falada, e onde o narrador era simplesmente um condutor da equipe. “Por unanimidade, a fórmula número um venceu, pois a transmissão radiofônica combinava com os anseios do torcedor e tentar algo diferente seria muito arriscado”. Neste caso, é possível afirmar que Luciano do Valle atua mais neste estilo do que Galvão Bueno.

Para se ter uma ideia, no início do jogo, Luciano cita mais nomes de jogadores do que Galvão. Nos primeiros cinco minutos da partida, o locutor da Band citou onze dos vinte e dois jogadores que estavam em campo, enquanto o narrador da Globo falou o nome de apenas sete, já que estava atento a outros detalhes do jogo.

Em relação aos demais jogos, a decisão entre brasileiros e espanhóis foi a que Luciano do Valle estava mais emocionado e vibrante. Em cada gol do Brasil, ele parecia entusiasmado e contente. Porém, a emoção exagerada pode ser um problema para o narrador esportivo. Schinner (2004, p. 81) afirma que “todo profissional de microfone deve ter controle emocional, domar os sentimentos mais profundos. Só assim terá a credibilidade necessária para o desempenho de sua tarefa”.

O narrador esportivo também cumpre a missão de “animador” do público. Sobre isso, Guerra (2009, p. 4) diz que o locutor interage com o espectador, mandando abraços, fazendo brincadeiras, e utilizando de elementos para manter a audiência na transmissão. Neste jogo, ambos fizeram este papel de animador, a exemplo do jogo de 1993.

¹⁵ Canal esportivo de TV por assinatura.

¹⁶ Nome dado para gravação de um programa ou atração, antes de ir ao ar.

3.3.2 Os Gols

No primeiro gol do Brasil, Galvão se preocupa em fazer uma descrição mais fria do lance: *Gol! É do Brasil! Fred e Neymar entraram na bola, o Fred tentou o cabeceio. O Neymar fechou junto, o Fred pra tocar por baixo, o Arbeloa, olha só.* Já Luciano demonstrava mais emoção e preferiu frases que demonstravam o clima brasileiro no Maracanã. *Gol do Brasil! É do Brasil! Fred! Fred! Sensacional! Numa bola erguida. Todo o grupo brasileiro vai atrás do Fred! A alegria no Maracanã! Abre o placar o Brasil!*

Esses métodos de tentar trazer mais emoção ao jogo transformam a transmissão esportiva em um espetáculo. Sobre isso, Bezerra (2009, p.85) afirma que “essa narrativa tanto no rádio quanto na TV parece ter sido incorporada ao espetáculo”. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006, p.45), a emoção faz parte da alma do esporte. “Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos”.

No segundo tento brasileiro, marcado por Neymar, os dois narradores enalteceram o fato de que o jogador acabara de ser negociado com um clube espanhol, o Barcelona. Galvão também reforçou que o jogador brasileiro iria jogar no futebol europeu em pouco tempo, e fez uma referência ao goleiro da Espanha, que jogara na época no principal concorrente do Barcelona. *O goleiro do Real Madrid viu o que ele vai ter pela frente no Campeonato Espanhol. Explodiu a bomba de Neymar.*

Já Luciano fez uma locução como se estivesse “dando um recado” para o atleta. *Responsabilidade é tua, garoto! Mostra que você não foi vendido à toa, e principalmente, para os espanhóis.* Esse é um exemplo de como alguns narradores elevam o tom da emoção e da vibração quando estão trabalhando em um jogo da seleção brasileira. Algo que não deve ser feito.

A pátria não está de chuteiras, nem de sunga, nem de capacete, nem de biquíni, nem de maiô, enfim, a pátria não se confunde com uma competição, seja ela qual for, ainda que, com finalidades políticas e populistas, alguns governos, com apoio da mídia, favoreçam isso. Cabe ao jornalista fazer a separação e denunciar a manipulação de um entretenimento como instrumento político. (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.47).

O terceiro gol do Brasil na partida mostra que Galvão Bueno manteve o estilo de fazer uma longa descrição da jogada após o grito de gol. *Neymar saiu da bola. Linda jogada do Brasil. Olha só a enfiada de bola, o Neymar como sai da bola, Azpilicueta não achou nada. O Fred deu um tapa na bola. Com consciência, metendo no cantinho. Casillas ainda chegou a tocar a mão direita na bola. Olha a saída de bola do Neymar, e o Azpilicueta não*

sabia o que fazer. O Fred deu um toquinho buscando, e já botou a mão ali pra ouvir o grito da torcida.

Já na transmissão da Band, Luciano do Valle demonstrava cada vez mais uma animação e uma vibração que não foi vista nos jogos anteriores. *Que jogada maravilhosa do ataque do Brasil! Repara a deixada, pra ele, pro Fred, bateu no cantinho. Três Brasil, zero Espanha. Agora não posso dizer que é mais sonho, Neto, Edmundo, Edmundo, Neto, agora é pesadelo pra Espanha?*

O narrador da Bandeirantes estava mais vibrante e empolgado nesta transmissão do que nas outras analisadas. Segundo Schinner (2004, p.81), isso pode acabar sendo um risco para um locutor esportivo, pois todos os profissionais de comunicação, independente da área, devem se controlar emocionalmente. Só assim ele poderá conseguir a credibilidade para realizar o trabalho.

Galvão Bueno manteve o estilo de narração nos gols da partida, se comparado com os outros dois jogos. Mas o termo utilizado é o mesmo da partida entre Corinthians e Palmeiras: *Gol! É do [nome do time]*. Porém, dessa vez, antes do grito de gol, ele repetia de três a quatro vezes o termo: *Olha o gol!* Esse bordão foi utilizado novamente por Galvão nesta década, após fazer muito sucesso nos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 1994. Isso mostra que locutor realizou mais uma mudança em seu estilo de narração. Luciano do Valle também manteve seu estilo, que vinha desde o jogo de 1993, de não ter um padrão nos gritos de gol. Os três tentos brasileiros nesse jogo foram contados por ele de maneira diferente. *Gol do Brasil! É do Brasil!; Gol do Neymar!; Gol do Brasil!*

3.3.3 Final do jogo

Ao fim do jogo, e com a confirmação do título do Brasil na Copa das Confederações, Galvão comemorou lembrando uma das narrações mais marcantes da carreira. *Acabou! Acabou! É tetra! É tetra! É tetracampeão da Copa das Confederações o futebol brasileiro!* Esses termos fazem referência à narração de Galvão no tetracampeonato mundial da seleção brasileira, na Copa do Mundo de 1994, onde após a cobrança de pênalti desperdiçada pelo jogador italiano Roberto Baggio, o locutor disse de maneira efusiva: *Partiu, bateu! Acabou! Acabou! Acabou! É tetra! É tetra! É tetra! O Brasil é tetracampeão mundial de futebol!*

Bueno e Ostrovsky (2015, p. 84) dizem que essa narração do tetracampeonato brasileiro foi “aquela coisa histórica, desafinada, Pelé me puxando de um lado, Arnaldo Cezar

Coelho amassando meus óculos do outro lado”. Os autores completam dizendo que “foi ridículo, mas foi pura emoção”. Já Schinner (2004, p. 81) afirma que o título do Brasil em 1994 é um exemplo de como a falta de controle emocional pode interferir negativamente em uma narração esportiva. “Alguns narradores se exaltaram com a conquista do título para o Brasil. Depois, muitos companheiros ficaram terrivelmente envergonhados com a falta de controle emocional”. Galvão não repetiu isso na partida de 2013, e ficou mais de acordo com o que pede uma narração.

Luciano do Valle, por sua vez, optou por uma narração vibrante, porém simples, valorizando o poderio do time adversário. *Acabou! Brasil campeão da Copa das Confederações da FIFA! Em cima de um time excepcional como a Espanha!* E esse tipo de narração mais simples é particularidade dos locutores de TV. “No rádio a comunicação é diferenciada e mais descritiva. Na TV o que vale é a valorização da imagem”. (SCHINNER, 2004, p.75). O autor completa ainda que “é sabido que cada um tem sua peculiaridade de linguagem”.

Os dois narradores mostraram o mesmo estilo de narração na questão de animar o telespectador durante o jogo, já que se tratava de uma partida da Seleção Brasileira. O fim da transmissão teve relatos diferentes dos dois locutores. Ambos mostravam alegria com o título do Brasil, mas Luciano mostrava-se mais vibrante, porém dentro do controle emocional que se exige de um narrador.

4 Considerações finais

Pelo que se pode notar nas análises, Galvão Bueno apresentou mudanças no estilo de narrar de uma década para outra, principalmente na questão emocional, já que a narração do título do São Paulo em 1993 é carregada de mais emoção do que, por exemplo, a narração do triunfo brasileiro frente à Espanha em 2013. Santos (2012, p.10) afirma que essa emoção não aparece apenas no tom da narração, mas também nos efeitos sonoros, no barulho da torcida e nos demais elementos que compõem uma transmissão. Além disso, o narrador mostrou que a partir da década de 2010, voltou a introduzir o bordão *Olha o gol*, antes do grito de gol de uma equipe.

Por ter um estilo mais ancorado, Galvão Bueno também manteve o padrão de narração em relação às três décadas. Nos minutos iniciais da partida, o locutor opta por narrar somente os lances em que apresentam maior perigo. Além disso, após a marcação do gol, o

narrador descreve o lance durante um bom tempo, valorizando os detalhes da jogada, fazendo até algumas análises antes de interagir com o comentarista.

Já Luciano do Valle tinha a particularidade de transmitir jogos, mesmo em três décadas diferentes, com o mesmo estilo, que é o de não ter um padrão de narração e de não recorrer a bordões ou frases de efeito. Seja no começo, nos gols, ou no fim da partida. Na locução de maneira geral, Luciano mostrou ser um narrador que leva para a TV um estilo consagrado no rádio, que é o de descrever os lances na maior parte do tempo. Além disso, a vibração dele é sempre elevada, independente do jogo que ele estiver fazendo.

O narrador da Bandeirantes evita fazer comentários mais longos após a narração de um gol. A descrição do lance é feita de maneira rápida, dando mais ênfase ao gol em si do que à jogada que o antecedeu. Luciano opta por deixar os comentários e as análises para o comentarista do jogo. Além disso, ele sempre procura descrever os lances da partida desde os primeiros minutos, sem trazer informações adicionais do confronto ou da competição. É um estilo proveniente do rádio que, segundo Silveira (2009, p.24), as narrações indicavam apenas o nome do jogador que estava com a bola, sem relatar a ação dele.

Já Galvão Bueno tem um estilo contrário. Começa o jogo optando por situar o telespectador de tudo que está acontecendo ao redor daquela partida. As narrações dos gols da partida sempre têm um padrão definido. Houve apenas uma modificação da década de 1990 para a de 2000. É um narrador que atua no papel de âncora de uma transmissão. A vibração dele só é elevada quando transmite jogo da seleção brasileira, ou de algum time brasileiro contra uma equipe de outro país.

Ambos os narradores, tanto Galvão Bueno quanto Luciano do Valle, apresentaram mudanças ao longo dos anos no estilo de narração em jogos de futebol na televisão, cumprindo ao objetivo geral proposto na pesquisa. Porém, a partir da análise, foi possível constatar que Galvão foi quem apresentou mais modificações no estilo de narrar nas últimas três décadas, em razão da mudança de padrão nos gritos de gol, e na questão emocional e de vibração durante a partida. Portanto, mostra evolução no estilo narrativo, respondendo positivamente às perguntas do problema.

Nesse sentido, constata-se que a comunicação esportiva passou por modificações em relação às linguagens utilizadas. A narração esportiva é somente um desses pontos. Schinner (2004) lista alguns fenômenos que justificam essas mudanças no modo de falar de esportes na televisão, como o surgimento de novos profissionais de microfone mais qualificados, a qualificação das empresas que faziam a geração de imagens dos eventos

esportivos para as emissoras, a formação de um novo estilo de telespectador, batizado de assinantes, a nova proposta de linguagem, e o surgimento da internet, que revolucionou a comunicação no mundo.

Nesse sentido, essa evolução significa o que a narração esportiva tende a ser no futuro, respondendo ao objetivo específico traçado inicialmente, pois, na medida em que estes aspectos vão evoluindo, a tendência é que a comunicação esportiva passe por mais modificações. E essas mudanças impactarão na locução esportiva, já que os profissionais terão cada vez mais elementos para transformar o telespectador em parte do espetáculo.

Referências

BARBEIRO, Heródoto, RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. Orientador: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros. 2008. 151 p. Dissertação (Jornalismo) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wpcontent/uploads/2014/02/04-O-futebol-midiatico.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2019.

BUENO, Galvão; OSTROVSKY, Ingo. **Fala Galvão!** 1ª Ed. São Paulo: Globo Livros, 2015.

CAMARGO, Vera Regina Toledo; GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade. **A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura**. 14 p. Artigo (Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, [S. l.], 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2019.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Comunicação e transgressão no esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1997.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COUTO, José Geraldo. **Futebol Brasileiro Hoje**. São Paulo: Publifolha, 2009.

DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 150 p.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. 248 p.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **A transmissão esportiva: o jogo da narrativa.** 15 p. Artigo (Jornalismo) - A transmissão esportiva: o jogo da narrativa, [S. l.], 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0135-1.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura de Convergência.** Tradução de Suzana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 p.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

NEVES, Thalita. **Aspectos da história do jornalismo esportivo.** 2018. 15 p. Artigo (Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/5o-encontro-2018/gt-historia-do-jornalismo/aspectos-da-historia-do-jornalismo-esportivo/view.>> Acesso em: 18 ago. 2019.

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. **Narração esportiva de futebol e composicionalidade: uma proposta de estudo textual-discursiva das sequências textuais.** 2012. 18 p. Artigo (Jornalismo) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, [S. l.], 2012. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/es-tudosdalinguagem/article/view/216>>. Acesso em: 9 jun. 2019.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos Locutores Esportivos.** São Paulo: Editora Panda, 2004.

SILVA, Alexandre Alves da. **De Léo Batista a Tadeu Schmidt: a evolução da nota coberta no telejornalismo esportivo.** 2010. 15 p. Artigo (Jornalismo) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/DE%20LEO%20BATISTA%20A%20TADEU%20SCHMIDT.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas.** Orientador: Prof. Dra. Sandra de Deus. 2009. 92 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

TAVARES, Diego Silva. **Entretenimento Esportivo: Os conflitos entre informação e entretenimento no jornalismo esportivo.** Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo, 2013.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou.** São Paulo: Harbra, 1999.

TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar – Rádio e modernidade em São Paulo.** São Paulo: PW Editores e Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1990.

Jogos analisados

Milan 2x3 São Paulo (1993)

Globo: <https://www.youtube.com/watch?v=-xqKHFCfmlQ>

Band: <https://www.youtube.com/watch?v=0t3fbB922Ps&t=4616s>

Corinthians 4x3 Palmeiras (2000)

Globo: <https://www.youtube.com/watch?v=tDd8KQKloHI>

Band: <https://www.youtube.com/watch?v=QuV0FxRM8Jo>

Brasil 3x0 Espanha (2013)

Globo: <https://www.youtube.com/watch?v=p7DnGsfUV8c>

Band: https://www.dailymotion.com/video/x11g3xa_e

<https://www.dailymotion.com/video/x11fsst>